
**“CONCURSO NACIONAL DE TEXTOS DE AMOR
MANUEL ANTÓNIO PINA”
2015**

1º Prémio

ANDRÉ BOAVENTURA

“La Llorona”

Gracias a tu cuerpo doy por haberme esperado
tuve que perderme pa’ llegar hasta tu lado
-- Lhasa de Sela

Every hair in your head is counted
you are worth hundreds of sparrows
-- Sparklehorse

1.

Tudo está repleto de nada, do vagar baço dos velhos. O nevoeiro afirma-se tão presente que se assemelha a chuva, sem lamento parada no tempo, uma onda em exposição, um amontoado de gotas que só se contrariadas por um descuido de vento formarão poças no chão, acamando folhas, só assim bela a lua cheia, luzidia num reflexo de poças, no caudal dum leite grumoso. Telma caminha numa redoma de nuvens, em vez de neve de calçada, e os farrapos de luz diluem-se, arrastados pela humidade que aumenta e anuncia vida vegetal, odor a musgo, saber ancestral

Por caminhar assim, numa praia fluvial da sua meninice, de cabelos mortos compridos e mãos esgravatando o leito do rio, por sangrar dedos descarnados, Telma roga
Se centenas de pardais viessem

Telma teima

trazer-me o céu de Cuba

Telma roga a Ana Mendieta que por ela fale e nela ponha as palavras,

Só calco o socalco, pontapé à ponta do pé

as palavras e o entendimento

Ana Mendieta é minha Pastora, nada me faltará

De dia, recorte de ondulação numa praia fluvial da meninice, as folhas de madressilva salpicadas pelo vento primaveril, medronhos até aos joelhos, bichinhos carpinteiros

De noite, Telma sepulta os pés na lama e a lua cheia reflectida. Na poça bruxuleante dos socalcos. Quisera ser tragada pela terra, quisera antes ser vinhas. Chegada a altura, seria decepada e esborrachada, fermentando no lagar, desenfeitada e assente, alheia a quem a tragasse, uma espécie de amor, união

Se eu provei do vinho novo

Provocaria calor nas costas de um homem chamado Firmino, rubor nas faces peludas. Telma feita vinho, implicando gargalhadas numa tasca de província, abrindo paixões numa noite de chuva. De Verão. As mesas fervilhantes de risos, de anéis de gamela, caroços de azeitona, cascas de tremoços, cordas de chouriço. Telma feita vinho e o vinho feito sangue a correr pelas veias do Firmino

fui a folha solta a bailar ao vento, fui raio de sol no firmamento

Mena leva o lixo lá fora e a chuva faz-lhe sapateado no rosto. Mena sorri e relampeja o canino afiado, lembrando o quarto-minguante. Abre o contentor do lixo e tapa o nariz para não lhe adentrar sujo. De um dos sacos pinga-lhe sumo de lixo no avental. Está tão cheio que de lá caem peles de bacalhau. Mena recorda a mãe dizendo Come as peles do bacalhau para te crescerem os peitos, dizia-lhe a D. Filó, agora lá dentro a mandar o Saul e o Martinho para casa - Ide para casa para as vossas mulheres, passais tanto tempo aqui que qualquer dia enfeitam-vos a testa

Mena dá conta de fumo de cigarro nas traseiras. Chuva sapateado. Tabaco de enrolar. Os cabelos singularizados na testa do Firmino, os olhos ávidos em comparação. Ela conhece aquele gosto. Um canino afiado, lembrando o quarto-minguante, a arranhar o lábio do homem. Um arrojado. A mão do Firmino, hábil no tabaco de enrolar, sentindo-lhe o pulsar dos peitos, mamas crescidas a peles de bacalhau, uma espécie de amor. Telma espumando-se pelos veios do Firmino, Telma feita vinho, vinho feito sangue, correndo pelos veios do Firmino de encontro aos lábios da Mena, arfar, e num feliz assomo, arribando-se, e assim acabou-se, Telma feita amores perros

Mas não é esse o sonho que Ana Mendieta vê para Telma. Telma sente-o

- Se os meus sonhos fossem bons para mim, não teria dedos descarnados de sangue nem cabelos mortos compridos,

Telma só lava o ventre por ter lido no pólen que Ana Mendieta sabe de cor quantos cabelos lhe brotam da cabeça

Telma só lava o ventre por

- Mesmo com asas posso deitar-me de costas em lençóis garridos, elas amansam como os peitos da Mena ante a mão do Firmino, como os meus olhos ante flocos de pardais, valho centenas de pardais, li-os no pólen, gotejando ao contrário, da Terra para o Céu, valer centenas de pardais e por rogar a Ana Mendieta que lhe ponha na boca as palavras, - Talvez seja lá, no sítio onde a Terra e o Céu se beijam, seja lá onde moro, donde provenho e aonde devo tornar

as palavras e o entendimento

É isto que Telma incensa ao caminhar à noite pela praia fluvial da sua meninice. De cabelos mortos compridos e mãos esgravatando o leito do rio, os dedos descarnados de sangue em busca dos filhos

- Sigo-os buscando, eu sou como a malagueta verde: picante, mas saborosa afogados e mortos, os filhos, presos no leito do rio, anunciando vida vegetal, um saber ancestral

- Por que me sinto perdida, Ana Mendieta, por que caminho sem alumiar à frente, salvo a luz que eu incenso, enganando-me a mim mesma, onde ficam os lençóis garridos, dos amantes, errantes, onde a Terra e o Céu se beijam, o pólen silente, derramando-se ao revés, centenas de pardais, as minhas espaldas dotadas de penas, de asas, que se amansando nos lençóis, pela urgência de beijos, o assomo do Firmino, a minha coxa gostosa como a Mena, picante, mas saborosa, onde fica, ensina-me a dizê-lo, dá-me las palavras e lo entendimiento, dá-me lo, dá-me lo a mim

2.

Telma sai de Belas Artes e vai almoçar ao “Roscas” com o Luís, o Braga, a Renata, a Chã, a Iveta e a Liene. Telma fala pouco e vai sentindo a conversa esbatida, como se a estivesse escutando desde longe, em Cuba. Telma não fica para o café e despede-se apressada, embora às terças não tenha aulas de tarde. Telma caminha até São Bento e apanha o 500 rumo à Foz. Telma sai em Lordelo do Ouro e caminha até junto do anjo da marginal. Telma remexe na pasta, tira o bloco de papel e graffiti vermelho. Telma recorta pedaços de papel de forma orgânica, como se o polegar e o indicador empunhassem a lua, como se aquelas formas tivessem saído da

boca de Ana Mendieta. Telma cola pedaços de papel ao anjo, dotando-o de asas mansas sobre lençóis garridos, dos amantes, asas brotando como silvas, asas silvestres, veredas. Telma cria a silhueta do anjo com graffiti vermelho, uma silhueta aérea, espontânea, perene, respingando nas asas de papel, de pedaços de papel, uma silhueta que dura até ao fim da lata, um momento com sentido

Telma é interrompida por uma senhora. A D. Etérea. A menina não pode fazer isto. Telma escuta-a desde longe, em Cuba, voz abafada, indistinta, Telma reporta-se a Cuba, liga-se a Ana Mendieta, a silhueta que a tem cativa. A menina não pode fazer isto. Menina, saia daí. Menina, diga alguma coisa.

Telma quebrou-se e sossegou-se. Telma guardou a lata vazia num saco selado que tirou da mochila. Telma viu o mundo do lado de fora e chorou um punhado de lágrimas que lhe lavaram a alma. Telma olhou para a D. Etérea, sorriu mostrando um canino afiado em quartominguante e teve apenas isto a dizer:

- Mendieta-te

3.

- Um anjo, D. Etérea...?

De joelhos, plantado na marginal.

Que impressão me mete a cara do anjo, afligem-me as estátuas, uma pessoa olha à cautela e vai e demora-se um bocado a mais e a pedra dá por nós e devolve a atenção. O que isso me assusta, é que depois não tenho mão em mim. Lá venho eu, descansada com as sacas da mercearia, a ouvir os meus botões, e quando dou fé já estou de olhos postos no anjo, uma cara branca tão branca que se vê logo que não é como a gente, olhos a quem faltam olhos, lábios mais duros que dentes. Se mantivesse a mesma cara como devia, tudo bem, mas não, olha para nós como a gente olha para a gente. Como a gente olha para a gente

- Se pudesse seleccionar somente um episódio do dia de hoje para a posteridade, a escolha recairia sobre essa aparente personificação da estátua?

Não, uma miúda, dez reis de gente, com uma bola prateada no nariz, olhos carregados de fumo e saia de ciganita, um metro e uma gilette, a miúda, pele branca de fantasma, cabelos compridos, toda furada nas orelhas... Mas como essa há muitas, o que mais me marcou é a semelhança com a mulher que sempre em noites de finados, em noites de fugida, à beira-rio, percorrendo as margens do Douro que aqui se finda, é um olhar vazado de lágrimas, um calcorrear felino pelas rochas doentes de algas, um tom sem nome mas primo do preto, uma aspereza sem nome mas prima da malagueta. Deus me valha, faz-me lembrar a Moura que aqui mirou pela última vez, decepada às mãos de Ramiro, a Moura que já foi a folha solta bailando ao vento, foi raio de sol no firmamento

- Mas foi apenas a aparência da jovem, a subsequente associação às divagações da sua mente tolhida pela demência e uma ténue ligação a uma alegada lenda composta por uma série de episódios que culminaram num suposto crime passional e de cariz potencialmente xenófobo que lhe chamaram a atenção?

Não, a miúda estava a libertar o anjo, a desmanchar-lhe a silhueta com um spray encarnado, a libertá-lo com um spray muito forte, soltava uma língua de dragão blasfema, derramando sobre si mesma pólen silente ao contrário, das asas das costas, aqui onde o Rio beija o Mar e o Céu beija a Terra, a raça da miúda, não pude suportar que sobre si derramasse as graças da água doce, o desplante da moça, como se a vida fosse a silhueta efémera dum anjo, como se pudesse dançar em contratempo, fora do relógio do mundo, apenas por traçar a aura dum pedaço de pedra, somente por fazer um anjo voar em contratempo, fora do relógio do mundo.

A lata, o desplante da miúda, nós aqui de sacas de compras na mão, escutando os botões, e ela toda gaiteira, fulgindo, trocando longos cabelos morridos por rebentos de feijoca e dedos descarnados de sangue por grilos de Agosto, na costa alentejana, as asas acamadas nas dunas nocturnas como se só ela e as estrelas

- Detecto um tom de ressentimento, D. Etérea? E talvez até uma pontinha de inveja? Seria de supor que a sua intervenção no sentido de deter o acto de vandalismo tivesse sido motivada exclusivamente pelo dever cívico de protecção do património regional, um valor louvável e que deverá ser partilhado por todos e por cada um de nós, cidadãos desta nação que deu novos mundos ao mundo.

O senhor jornalista detecte o que quiser que o que eu faço ou deixo de fazer não lhe diz respeito nem a si nem a ninguém

- Peço imensa desculpa, não a tencionava melindrar. Se voltar a cometer um acto de perfídia igual ou superior a este, prometo-lhe que consumirei 33 cl de desentupidor de canos.

Valha-me Deus, homem, Jesus do Céu, que exagerado que você me saiu

- A D. Etérea quer deixar alguma reflexão final?

A garota só me disse uma única palavra, antes de pegar na trouxa e ir à vida dela. Queria impedi-la, mas como, se ela estava fora do relógio do mundo, com pólen derramando sobre si, silente?

A garota só me disse única palavra, disse-me assim, veja lá, não lembra ao diabo nem ao anjo que antes enraizado aqui na marginal, mas agora em estratosferas estrambólicas, a miúda só me disse:

- “Mendieta-te”

- Neologismo esse que representa uma alusão clara a Ana Mendieta, artista plástica cubano-americana (18/11/1948 – 08/09/1985), cuja arte performativa autobiográfica é caracterizada por uma forte componente feminista e a uma ligação física e espiritual com a terra. Estaria ela a urgir à D. Etérea que assumisse uma postura de vida mais semelhante à da escultora em questão, cuja morte e as circunstâncias que a rodearam ainda hoje permanecem envoltas em polémica?

O que ela me quis dizer sei eu bem, mas não o entendi pelo que as palavras significam, porque não conheço essa senhora nem preciso de conhecer. Compreendi o que queria dizer pelo que as palavras em nós desarranjam e desarrumam, pelo que em nós provocam a Queda do Império Romano do Oriente

- D. Etérea, desconhecia-lhe esse lado críptico. Por favor, expanda essa fascinante consideração que se torna ainda mais surpreendente vinda da boca de uma mulher-a-dias com a antiga 4.ª classe que perdeu o marido no Ultramar e cujo único filho está emigrado na Suíça. Não explico coisíssima nenhuma, você é um malcriado

- Perdão, depreendo que tenha cometido outra indelicadeza. Diria que foi dum grau igual, inferior ou superior à ofensa anterior? Preciso de saber se devo ou não consumir 33 cl de desentupidor de canos.

Vá para a Mendieta que o pariu

4.

Sempre preferi desenhar e pintar a escrever, sempre preferi mostrar cá fora o que está dentro, muito melhor que as calças justas das palavras

Isto que te lo digo é traduzido pelo contorno das letras, pela pintinha de um i, pelo rebuliço de um h, pelo cerco de um f. Pela mancha gráfica, pelos parágrafos, pelo espaço, pelas quebras, pelos acrósticos acidentais, por uma vírgula mais lontana

Isto que te lo digo é em poucas palavras, não dizem nada e não, não vale a pena alongar-me. Oxalá as compreendas não pelo que elas significam, mas pelo que em ti arranjam e arrumam, pela selva que urdirem

Isto que te lo digo é simples. É o roçar da minha asa na tua face. Sei que duvidarás quando a sentires, sei que o relógio do mundo cai igualmente sobre os justos e os injustos. Por saber tudo isso, não te peço demasiado nem nos gasto em palavras. Só falo do roçar da minha asa na tua face, da impressão que restar, da silhueta de centenas de pardais, do número de cabelos que da tua cabeça brotam, esse número tatuado na minha coxa picante, mas saborosa

Isto que te lo queria mesmo dizer era liberta um anjo e libertar-te-ás de la Llorona, mas como sei que não entenderás, não lo digo, não digo mais nada, fica a impressão do roçar da minha asa na tua face, fica o que de mim em ti restar, Firmino, acuérdate de mi

Siempre tuya,

Mena

2º Prémio

TIAGO ABREU

“Numa manhã estranha”

Numa manhã estranha, de sentimentos estranhos, percorri o mundo, trespassei o coração da nação, só para te poder conquistar. Tomei banho. Como se isso te fizesse mudar de opinião. Embebedei-me na maldita água de colónia. Como se isso te fizesse mudar de opinião. Vesti a minha melhor roupa. Como se isso te fizesse mudar de opinião. Saí. O martelar dos carris do comboio impediu-me de me esquecer as batidas fortes, marteladas, do meu coração. E assim fui. Fui e tu foste. Fomos. Corremos o rio, o rio correu-nos. Atravessámos a ponte, a ponte atravessou-nos. E num misto de sentimento e nostalgia, disse-te o que sentia, e tu partiste. Mais cedo. Foste mais cedo. Mais cedo do que qualquer um poderia esperar. De repente, eu estava só, desconhecido, numa cidade desconhecida, em ti, desconhecida, perdera-se o meu olhar. Tão pouco tempo o nosso olhar se cruzou e, ao mesmo tempo, tanto tempo de ausência neles se espelhou. Tu foste, eu fiquei, e num misto de angústia e sofrimento, só eu sei o que passei.

Sinto-me como um grão de areia numa praia deserta. A meu lado, milhões me acompanham e, no entanto, sinto-me só. Estou só. Sou só. Faltas-me tu. Por vezes, a maré trás as ondas e, com elas, pedras se arrastam e se depositam sobre mim. Essa pedra especial que viaja pelo mar és tu, que sempre procuravas repousar junto a mim. Não és como uma pedra no sapato. Não, tu não és como outras. Por ti subiria as mais altas montanhas, ainda que com pedras nos sapatos. Tu és especial. És a pedra que me sustenta, a pedra que me constrói, edifica, torna maior. Torna-nos maiores. Sê maior comigo!

A meu lado, poucos entendem a minha angústia. Estão demasiado ocupados com a trivialidade da vida, com a sua infeliz felicidade, que nem se apercebem que caminham para uma falésia há muito em derrocada. Não quero que o nosso amor seja uma parede mal alicerçada, mas sim uma construção diária, capaz de aguentar ventos e tempestades e que se modifique e vá ficando mais forte com o passar da bonança. Mas estou a delirar. O nosso amor ruiu. Ardem-me os olhos de tanto sal por eles derramado. Não os consigo já abrir. Quero-os fechados a esperar por um beijo teu, que me aqueça e derreta o gelo que à muito envolve o meu coração. No entanto, receio não mais os abrir e morrer. Quero que o silêncio seja quebrado pelo bater do meu coração, pelo estalar dos teus lábios, pelo choque do toque dos teus lábios com os meus, como descargas de uma trovoadas capaz de iluminar todo o céu. Quero a bonança depois da tempestade! A fusão dos elementos e a pronúncia do estádio maior de uma vida até então incompleta e sem sentido.

Tu aceleras o meu coração e, inconscientemente, toda a minha vida ganha velocidade. Porque é que as paixões não morrem como o final dos dias? Amenas, com pássaros que dão música aos nossos ouvidos, com barcos no horizonte? E porque é que não nascem como a madrugada? Cheios de lágrimas de orvalho e felicidade pelo raiar, frios, e iluminados?

O teu sorriso conquista cada vez mais território ao meu coração. Abarca-o de tal maneira que praticamente o impede de bater. Vou morrer, sei. De saudade. Por não te ter nunca mais. A tua pele teima em fazer-me lembrar os dias quentes de Estio em que, numa praia qualquer, cheia por uma multidão ruidosa, apenas ouvi o silêncio e pesei a tua ausência. Senti-me só enquanto observava o espumar das ondas revoltas em areia. Senti-me só. Estava só quando

me apercebi que tinhas partido à muito. Só. Sem ti. Era eu comigo mesmo. E tu? Somente no pensamento. Pousou a noite e julguei-te minha. Mas minhas eram apenas as estrelas que baptizei com o teu nome.

Só me apetece fugir. Deixar-me a mim mesmo para trás, encostado num canto. Deixar de me ouvir, de pensar e viver. Realmente sozinho e não acompanhado por esta alma rasgada de azul, tecida de bolas vermelhas que a toda a hora acordam o meu caminhar. A lua distante e reflectida no rio, como um candeeiro aceso que ilumina escassamente a minha escrita, faz lembrar um farol, cuja luz se difusa e afunda no mar. Os peixes borbulham a superfície em busca de alimento. E vêm comer. E comem-me em pedaços, em flocos, que não ousas mais provar. Mas os peixes morrem envenenados. Poisionados. Tu também morreste, mas o meu coração insiste em bombear-te vida. Ele matou-me. Mas dá-te vida. Tu vives.

Cega-me o crepúsculo fraco e caio. Ninguém corre em meu auxílio, mas para longe de mim, como fizeste. E disseste: Não quero. E eu fui incapaz de te beijar para sempre, te fazer querer. Te fazer crer. Não sei se acordei para um sonho ou se adormeci para a vida. O nosso amor morreu e com ele o Mundo. A lua desfeita em pedaços. As memórias que vendo e ninguém compra e que rasgaste e desacreditaste. O que para ti nunca fez sentido. O que para ti não faz agora sentido. Perdeste o sentido. Eu perdi-me no sentido da vida. E perdi-te. E que a lua me caia em cima, em pedaços, para que seja doloroso. Que o sol me queime até que eu não possa arder mais em paixão!

3º Prémio

JÚLIA C. GUIMARÃES

“Do delírio erótico à linguagem do Amor”

(No respeito pelo Género Feminino, pela igualdade de género e contra as práticas de excisão e outras desumanas torturas)

Acordou e agitou-se ante o inesperado espaço vazio a seu lado. Soergueu-se sobre a cama e procurou-lhe as roupas lançando os olhos por sobre a cadeira e pelo chão: a toalha de banho desmanchada sobre o tapete em calada desordem, única testemunha da vigília a desmentir o sonho. Afastou o lençol e correu a espreitar à casa de banho, depois à sala que se lhe devolveu assustadoramente vazia e, numa réstia de esperança, dirigiu-se à cozinha ainda a chamá-lo em voz alta para, só então, voltar desalentada ao quarto a deixar-se cair na cama vazia. Puxou a roupa sobre si e, lentamente, enovelou-se à posição fetal, os braços apertados sob o peito, a cabeça abandonada por sobre as mãos, a fechar os olhos ao vazio triste dos despojos. Quis memorá-lo nas feições mas foi o abraço grande e quente que lhe irrompeu na memória da pele. E quando julgou, por fim, poder fixar-lhas, foram tão só os seus olhos semi-cerrados e estranhamente feitos duas pequenas serpentes amarelas que lhe surgiram sorrindo, por sobre a voz baça e baixa, suave e docemente recortada que lhe dizia: anda. Os olhos humedeceram-se-lhe e as lágrimas rolaram-lhe pela face e encolheu-se a enleiar-se mais e mais num apertar dos joelhos contra o peito, como que a querer enclausurar e calar angústia e dor e solidão no sufocado refúgio de si. Depois, lembrou a rosa, integralmente rosa, encerrada na gaveta da cozinha e deixou que as lágrimas secassem lentamente para, finalmente, adormecer cedendo à noite quase por inteiro não dormida e à tristeza, na magnífica manhã de sol. Tinham-se acabado de conhecer quando ela ingenuamente lhe dissera que precisava dos seus serviços. Ele fora aparecendo uma e outra vez, e acabara realisticamente a prestar-lhe outros por inteiro: em corpo e, quis ela – aceitando e ousando deliberadamente enganar-se -, em alma; bem sabendo, até porque de antecipada e viva voz, que a alma era coisa inexistente e ilusória.

O dele, um corpo forte a nascer do chão nas pernas lisas a volverem-se estacas, o peito largo, momentaneamente feito porto de abrigo quando a abraçara e ela, mais tarde, se aninhara - os joelhos sobre a cama a flanquearem-lhe as ilhargas -, pequena e leve e a sentir vergonha do corpo que lhe oferecia e a desejar o dele. E amara-o e explorara-o em tímidos afagos, ao seu jeito desajeitado de ser, e ele refrescara-lhe a boca seca e sedenta dando-se as mãos a ensaiar o abandono confiante dos corpos, que ela sentia vergonha do corpo que lhe oferecia, não do desejo há demasiado enclausurado que crescentemente a invadia.

Talvez ela se lhe quisesse ter apresentado de outro modo. Talvez que não tivesse tido a consciência do ridículo ou talvez, se lhe fosse dada outra oportunidade, persistisse, afinal, a dizer em titubeantes esforços, a confundir tudo, numa imensa pressa sem sentido, em seu fundido eu:

- ...estado civil desinteressante, mutilada e triste.

Ele rira. Ela também. E ele nem lhe percebera o amargo do riso, porque riso ainda. No fundo, não era nada daquilo que pretendia dizer, mas o que, em jeito de autómato e em obscura inconsciência, se lhe oferecera dizer. Que não, que não era nenhum curriculum capaz de suscitar inveja a prender a atenção. Ele, contudo, nada dissera. E ela viu-o, desde quase o primeiro instante, como um ser perturbador, capaz de congrega em si quase todos os antónimos de cada sinónimo que se lhe aplicasse: especial, profundamente especial e, simultaneamente, vulgar; simpático e antipático; capaz de gerar a calma e logo a perturbar. Seguro, profundamente seguro. Angustiante e alegre a um só tempo. Ser uno, feito de

antíteses, entretido a gerar outra síntese, imperfeito equilíbrio, que era ela. Reaparecera depois um Domingo em fim de tarde de Dezembro. Surgira na ombreira, bem parecido e elegante, trazendo na mão uma caixa de finos doces para um chá exigido verde e repentino. E na maior das simpatias ajudara-a com a porta do jardim que, teimosamente, não abria e oferecera-se para a levar ao supermercado para que pudesse ultimar pequenas compras que esquecera.

Finalmente, sentados à mesa para o chá, saboreariam os doces macios. Entre um e outro, ele acariciara-lhe a face e ela precipitara naquela palma da mão estendida o desejo maior, a tristeza, a solidão. E quando lha prendera, apenas por um momento, entre a face e o ombro a querer retardar-lhe e a fixar-lhe a presença, era já a pré-saudade que vertia. Ele sorria-lhe um sorriso ruborizado e transtornado, talvez envergonhado, talvez excitado, para logo lhe colocar outro doce ainda mais macio por entre as mãos, que ela vagarosa e mansamente levou à boca, calada. E, de súbito, os doces macios e finos constrangeram-na a fazerem-na sentir-se, por um instante, no contexto sem contexto, a Romana de Moravia. Porque, e sem que antevisse conotação maior, vira-se nesse mesmo instante, através dos olhos que pensou seguramente os dele, a quase prostituta naquele chá repentino e que tão a desoras tomavam. Que não, pensara quase de imediato, num desejado assomo de sossego. Que ainda aí, Romana era a sempre eterna jovem em que na pele sedosa permaneciam sem escorrer e até que se envolvesse na longa toalha, as gotículas de água do banho findo, como se fora a sua pele recoberta pela mesma matéria de que são feitas as penas das aves. Mas ainda recusava o doce que ele de novo e a seguir lhe estendera e já ele a abraçava a encaminhá-la, lentamente e à sua frente, os braços a rodearem-lhe a cintura, em direcção ao quarto. Então, na penumbra do aposento, a enriquece-lo com o recorte de esbeltas silhuetas que o espelho imenso do guarda-vestidos lhes devolvia, despira-se e despira-a em gestos suaves e delicados, no que, vez após vez desse e nesse amar perdido, por silenciosa mas ardilosa sugestão, lhe haveria de passar a saber a ela, porque impressivamente gravada e profundamente sentida, de imaginada e prometida a já mais do que aparente orgia, tal a perpetuada reprodução de corpos, muito para além do espelho, que ele, na contínua fidelidade dos gestos, se entretinha a imprimir. Sugestivas, impressivas imagens que, bem mais tarde e em casual descoberta, haveria de reconhecer nos chocolates de Sébastien Pawly, um pâtissier de Montbéliart. Mas dessa vez, a segunda em que se volveram em calorosos amantes, apenas as silhuetas dos seus dois corpos se refletiram no imenso espelho. Ele, então, abraçara-a suavemente, estreitando-a mais e mais à sua pele, para só então a deitar obediente e também doce por sobre a cama. Entrelaçados, a voz dele baça e baixa, suave, soar-lhe-ia a ela em estranha e inverídica súplica - que a dela era feita do silêncio maior que só interiormente se deixa rasgar -. Amaram-se longamente e por fim ela rira a querer tornar o ar menos pesado do desejo e a afastar a arrastada sombra da Romana de Moravia.

Logo na vez segunda em que se viram, ele convidara-a para jantar. Que lhe antevira a solidão, dissera-lhe depois. Ela a recusar, a cabeça baixa, envergonhada, ele a insistir. Acabara por anuir e a entrar no quarto para mudar rapidamente de roupa. O arroz de peixe ingerido longe num passeio simpático, e ele a deixá-la em casa e a trocarem direcções de e-mail, mais a promessa futura e ainda adiada da morte da angústia em cativo. E antes ela, sempre ela que, em vez de lhe agradecer o jantar, em momentâneo, inadvertido e absolutamente infeliz instante, lhe dissera o indizível. E ele que não lhe quisera perceber a ingenuidade, nem perdoara a infelicidade da frase. Melhor seria ficar calada. Fazer um pacto de silêncio, que ele só compreenderia o que quisesse compreender, e ela não lhe conseguia nem sabia dizer mais. Mais tarde, achara por bem tentar retribuir o excelente jantar oferecido. E assim escreveu e enviou-lhe num mail, sem nexos e em completo despropósito, um texto imenso, que ele, por ironia, apelidaria de erudito, com um post scriptum onde apenas lhe perguntava se o convidava para jantar na sexta-feira da semana seguinte. Simpático, de imediato lhe respondeu elegantemente que sim, que estava obviamente aceite o convite. Ela que precisava de tempo para pôr a casa a cheirar bem e poder fazer compras no supermercado, esqueceu as

plantas selvagens a cortar no meio do monte e a sobremesa. E já ele, na véspera, a dizer-lhe que tinha que fazer por ali perto e que às seis estaria livre, talvez a querer evitar qualquer encontro que ela poderia querer mais romântico. Alterou todos os planos e pôs a mesa para o jantar bem cedo pela manhã. E logo ele a tocar à porta, a entrar, a cumprimentarem-se, a estender-lhe uma rosa integralmente rosa e de madeira, e a desencantar e a entregar-lhe uma garrafa de vinho branco. Ela a agradecer, a insistir que ele nada tinha que ter trazido, e a desejar que ele nada tivesse trazido. Principalmente a rosa. Ele a desanuviar o ambiente, a torná-lo leve na conversa para ele fácil.

Jantaram. O salmão servido com talheres de carne, em engano que manteve ignorado até ao momento em que ele, ocasionalmente, lhe falou de um qualquer assado para aproveitar o vinho praticamente intocado.

Findo o jantar ele sentou-se no sofá e ela longe. Conversaram. Mas ele moía-a. Moia-lhe a solidão, a fala, a alma, que havia nele qualquer coisa de inverosímil.

Depois, de uma outra vez, trouxera-lhe uma imensa caixa de bombons que ela agradeceu, mais uma vez insistindo que ele nada tinha que trazer. E ele a colocar-lhe a mão por sobre o braço num gesto de amizade, a fazê-la aproximar-se e a roçar-lhe o seio, em também gesto que lhe pareceu a ela cuidadosamente descuidado. Estupidamente tolhida, só teve ensejo de zangar-se quando, em voz estranhamente doce, ele lhe perguntara, no âmbito do diálogo travado, se ela estava a pensar bem. Mas acabara a abraçá-la, e ela perdera-se no abraço grande e quente a mergulhar o rosto húmido no seu peito, nele pesadamente inscrevendo a imensa solidão ante tempo adivinhada. E ainda se diluía no inesperado e grande e longo abraço feito fortificação erguida em seu redor e já ele lhe descobria ambos os seios e os acariciava e beijava, a querer encarcerá-la no desejo de afagos mais. Resistiu, ainda, sem resistir, volvida um misto de estátua fria e mulher confusa, em momento depois percebido e tornado para ambos, quisera crer, absolutamente constrangedor mas, ele voltou a telefonar-lhe, e falaram-se auto-impondo-se a superficialidade e ligeireza, sem jamais abordarem o assunto. E, então, mais tarde, no meio de um outro telefonema por ele feito, ganhou coragem e convidou-o a jantar de novo. Ele anuíra. Jantaram. Conversaram. Mas então, parecera-lhe que fora ela quem, de pé, entre um abraço e um beijo repentinos e um desejo a quase roçar a dor, quem quase lhe rasgara a camisa ao procurar-lhe o peito aberto e o abraço na pele suave. Só então, subiriam juntos as escadas, longínquo já o jantar, para no quarto a pergunta dele ecoar desconcertante:

- Tens a certeza?

E fora então que toda ela se aninhara, imóvel, sobre o seu peito - os joelhos sobre a cama a flanquearem-lhe as ilhargas -, a tornar-se pequena e leve e a assim permanecer, quieta e muda, a aspirar o odor da sua pele suave, a sentir vergonha do corpo que lhe oferecia e a desejar o dele.

- Desculpa... - conseguiu por fim proferir, erguendo ligeiramente o rosto do seu peito.

- Se gostas e queres ficar assim, deixa-te estar...

Ela esboçou ainda um gesto em corpo inteiro a deixar desprender a interrogação de quem se achava pesada, assim de tão aninhada sobre o seu ventre e tórax, que ele prontamente entendeu ao retorquir-lhe docemente:

- Não, não pesas nada...

E fora então que se procuraram e deram as mãos para depois ele ficar e tomarem o pequeno almoço a dois em dia que lhe parecera a ela amanhecer radioso.

Depois, fora Domingo, o primeiro de um fim de tarde de Dezembro, com ele a surgir na ombreira, bem parecido e elegante, trazendo os doces macios e finos e arrastando, indelével, a sombra da Romana de Moravia, com ela a deixar-se obedientemente conduzir. A partir daí, ele passaria a chegar com a regularidade das quintas-feiras. Jantavam, amavam-se no acontecer desassossegado e inquieto da noite, para se separarem ao fim de cada uma das manhãs seguintes, após o pequeno almoço tomado a dois.

Dias sagrados, como ela os achava e chamava porque, sem que ela soubesse bem de onde era ele vindo, sempre ele aparecia e acabavam a amar-se noite dentro e em tantos dos lugares e espaços da casa, que lhe parecia a ela não haver esconso que não guardasse a memória dos corpos. O seu amor jazia espalhado por sobre a mesa na sala, por sobre o balcão na cozinha e, mais desarrumado ainda, agigantava-se derramado pelo chão.

Amanhecera o dia na promessa de o trazer a ele ao início da noite. Amaram-se no quarto sobre a cama, de modo terno e desinquieto a explorarem-se em beijos e abraços e carícias renovadas; a darem-se as mãos a consentir o maior abandono dos corpos. A redobram ainda os beijos, a demorarem-se ainda as mãos na nudez macia da pele. Fundidos na noite inteira, escravos e proprietários carrascos do desejo; fogosos e impetuosos obreiros na metamorfose dos corpos combinados, nas bocas dando-se abertas, na demora ainda das mãos sobre a nudez lisa e macia da pele. Quase dia, e ele masturbou-se, a olhar-lhe o sexo e a tocá-la de tal modo que, dir-se-ia todo ele parecer querer volver-se a caber nela para de novo nascer, depois de fazer terminantemente seu o desvirginado espaço uterino. E ela sentiu o sémen quente que lhe caía como chuva sobre o ventre e depôs-lhe no corpo convulso, beijos ainda frementes, que uns atrás dos outros lhe desaguavam teimosamente na boca que, naquele instante e livremente, lhe atava aos pés.

Acordou e deixou-se ainda deitada, os olhos fechados, de novo enovelada sobre si na posição fetal, a quase ouvir-lhe a voz, a quase sentir-lhe a respiração, e relembrou-se Emília mas, e contra todos os avisos, só lhe apetecia de modo irresponsável e no limite, poder dizer-lhe: - Conheci alguém por quem penso tenho vindo a apaixonar-me. É uma pessoa especial e cada um dos momentos, é feito de gradações entre a menor e maior e mais intensa cumplicidade; um composto de calma e efervescência, de sensualidade e sexo. E é por isso paixão, e é amor, que em mim, a despeito de tudo o mais, corre essa sensação de imensa liberdade e leveza, que é o sorriso que aparece nos momentos mais inconvenientes e se estampa, estupidificante, no rosto; que é a vontade de correr sem parar, e o alheamento perigoso; o acordar e ver e desejar e voltar a pintar o mundo de verde; mas é também um resistir que não ensaia rendição ao abandono maior, e é sofreguidão e é surpresa em cada instante; e é desejo; e é querer ser ainda tempestivamente feliz.

Depois, refreou o ânimo mas em continuada insensatez desmesurada a lembrar-se de outra, talvez, quinta-feira, pensou em explicar-lhe o inexplicável: que a outra noite rente ao chão fora magnífica e que a casa ficara mais triste como se fosse também ela gente e chorasse o espaço já vazio dos corpos nus frente à lareira.

E mais insensata ainda, proscrita e refugiada na posição fetal, a recordar as mãos entrelaçadas, o abraço quente, o peito aberto e estranhamente aconchegante repousado momentos antes sobre a cama, a respiração entrecortada, a voz baça e baixa e estranhamente suave, mas no que a ele finalmente deveria soar a sensatez, recitou no silêncio esbulhado do quarto, e em falas dispersas, a Emília de ontem não te vi na Babilónia. Depois, levantou-se debulhada em lágrimas, e entrou na casa de banho. Desembaraçou-se do roupão que caiu no chão aos seus pés e abriu a torneira do chuveiro, onde mergulhou o corpo sob a água cálida, as lágrimas assim disfarçadas. Ensaboou-se, determinada a afastá-lo do pensamento, mas infrutiferamente o fazia que ele teimava obstinadamente em regressar-lhe, a cada telefonema de todas as noites que se seguiriam, na voz que recordava baça e baixa, no abraço grande e quente.

Saiu do banho e vestiu-se lentamente. Olhou-se uma última vez ao espelho e fechou a porta de casa atrás de si, que lhe era impossível ficar mais tempo a recordar o amor ainda morno no espaço vazio e silencioso.

Acontecia-lhe imensas vezes a coisa mais estúpida que imaginar se possa: dizer exactamente o contrário do que pensava e queria. Umhas vezes por distração, outras pela inexplicabilidade de um sentimento confuso a exigir tempo de reflexão para ser deslindado e percebido e assimilado, outras, ainda, pela preguiça das palavras, e outras, em razão da pressa do momento, que as palavras exigem o seu tempo, e tempo próprio, a serem proferidas.

E rua fora, sem destino, lembrou-se da vez em que ele ficara e tinham amanhecido os dois para juntos irem ver o mar e a eólica antes de entrarem no café e se perderem em preguiça, em dia de maior sol de inverno: ele nas voltas do telefone, e ela nas tonalidades do vazio azul que se abria à imensa transparência dos vidros.

Na sua frente, um casal conversava em voz baixa e uma menina, dos seus três anos de idade, que deambulava pelas imediações daquela que, acertada e concordantemente - souberam-no depois, porque ambos permaneciam em quase calada preguiça -, pensaram ser a mãe. Com ele embrenhado no telefone, fora com a menina que ela, do seu lugar, sentados lado a lado, brincara em palavras, e fora com a mãe da criança que conversara um bocadinho pouco. No fim, assim que o casal e a criança saíram do café ele, referindo-se ao homem que acompanhava a senhora, fizera-lhe uma das suas muito desconcertantes perguntas: - Não era o pai da criança, pois não? Respondera-lhe prontamente que não mas, quase ao mesmo tempo, pensara intimamente que sim, que era, e se não era, queria que fosse, que lhe pareciam apaixonados nas palavras que trocavam. Lembrava-se de haver pensado que talvez ele lho tivesse perguntado porque tivesse estranhado e reparado que a criança jamais se abeirara do homem que também não lhe dispensara uma carícia que fosse em todo o tempo em que haviam permanecido no café... ela, pelo contrário, achara que o casal se amava e procurava aquele raro e escoado tempo a dois. Para ela, o homem, momentos antes sentado na mesa em frente, era o pai daquela menina, sim, mas com dúvidas tão exaltadas, só a ciência o podia dizer pelo positivismo que encerrava e ela não o podia saber. Enfim, dissera-lhe que não e pensara que sim. E tudo quanto lhe queria e devia ter dito calara. Claro, que lhe podia muito simplesmente ter perguntado, porque é que ele achara isso, ou ainda e até, porque a inquirira, a ganhar tempo para a resposta que queria mais coerente consigo mesma, mas nem se lembrara, que antes da pergunta feita se havia perdido imersa em recordações, sem tempo de submergir da época em que a própria filha nascera. Tudo a aumentar-lhe a distração e a resultar na pressa do responder sem no fundo dizer. Lembrara-se, ainda, de um outro dia da vida de casada, mas só igual no maior e bonito sol de inverno, que já não neste recém amor que amanhecera com ela e juntos os dois, madrugadores na manhã tardia, tinham ido ver o mar e a eólica antes de entrarem no café e se perderem em preguiça reconfortante: ele nas voltas do telefone, e ela nas tonalidades do vazio azul que se abria à imensa transparência dos vidros.

Nesse dia de mal-amada, tinham saído os três em passeio até à praia, a filha igualmente pequenina, num dos raros passeios que então ainda faziam; e fora a solidão maior, pesada e fria, quando esse outro, em vez de as acompanhar a brincar e a passear e a correr na areia, subira ladeira acima até ao café, o jornal pingando na mão, ávido das notícias por ler, a forçar à inexistência, mesmo em tempo escoado e contado, momentos para e entre os três. Rua fora, sem destino, pensou ainda que as coisas mudavam imensas vezes, e raramente eram como gostaria que fossem.

Após a resposta dada olhara-o novamente, entretidíssimo que estava com o telefone, a pensar na engraçadíssima anedota que ele lhe contara, havia tempos, acerca de um génio saído de uma lâmpada e de um homem que lhe pedia a concretização de um desejo; o primeiro desejo, a construção de uma ponte do continente até aos Açores, impossível de realizar em face dos custos e logística envolvidos; em segunda oportunidade, reformulando o desejo, o homem pedira para compreender as mulheres, ao que o génio logo retorquira perguntando-lhe se ele queria a ponte com duas ou quatro faixas. Para além da graça inerente à anedota, de que rira, concluiu ali, que raramente concordava com extrapolações.... Não sabia se todas as mulheres eram iguais, nem se eram diferentes dos homens. Por ela, procurava ternura e amor e ser feliz. Um amor escaldante e carnal, sempre morno, na cumplicidade dos gestos e das palavras, em crescente intersubjectividade gerada, eis tudo o que desejava - existisse o génio! -. Mas que o amor escaldante nem sempre é morno e o amor morno, raramente é escaldante, eis o que imensos poetas de toda a eternidade se apressaram a cantar em dor sincera ou fingida. Prosas e poesias da eternidade versando, inesgotavelmente e quase sem surpresa ou ineditismos

maiores, o tema. Talvez por isso que se aceitasse, com naturalidade, haver retração a evitar potencial ferimento a, talvez, tentar não magoar o outro; mas deu por si a pensar que é sempre quando se desdobram maiores e redobrados cuidados que as pessoas se magoam e ferem mais, vá-se lá saber porquê. Por isso que amava a sinceridade, que a sinceridade do momento, tornava - o belo e, quase sempre, perfeito.

Caminhara absorta em direção à praia e as dunas que, agora, avistava na sua frente e do outro lado da estrada, convocavam-na a um perder maior. Atravessou resoluta a estrada deserta e dirigiu-se ao passadiço de madeira, feito extensa ponte por sobre a vegetação e branca areia. Observou dois lagartos, com cerca de sessenta centímetros cada, a banhos, lado a lado, que quase de imediato abandonaram, primeiro um, depois outro, o seu poiso ao sol, desaparecendo silenciosa e rapidamente por sob o passadiço, decerto aborrecidos e seguramente assustados pela intrusão na acalmia da manhã. Admirou o céu, veludo de claríssimo azul, alta cúpula que parecia apenas esperar Michelangelo. E então mergulhou e regressou a ele, a Adónis, ao seu Adónis, que da criação de Adão, passou a David e deste ao escravo adormecido o qual, de entre todas essas criações maiores, em elegância se lhe oferecia, dele, a nua cópia. E em pele e carne abstraiu-se, de novo, a deixar-se deliciosamente embrenhar, a achar que o corpo dele lhe era de um imenso conforto, que nele sempre encontrava uma forma de se achar e se perder. Sentia-o escultural, e tão profundamente belo e doce que tudo a ela lhe parecia convocar, por si só, a estética Kantiana. Aninhar-se nele – a cabeça ora deitada junto dos seus pés, com o peito levemente repousado por entre as suas pernas lisas e fortes, ou ajustada por sobre o seu púbis a abraçar-lhe um só íliaco; ou mergulhada por entre as suas coxas, as mãos pousadas por sobre os seus quadris, ora toda ela a caber, ou fingir caber, no espaço de um abraço -, tudo a fazia sentir-se parte de uma escultura maior; e quando apenas deitada a seu lado e ligeiramente debruçada sobre o seu peito permanecia a aspirar a fragrância da sua pele, a desfiar e a enrolar por entre os dedos os abundantes e finos pêlos que se lhe espalhavam por sobre o tórax, sentia ou pensava que sentia que, naqueles momentos, era como se se encaixassem os dois a formar uma só peça naquele arranjo tão natural dos corpos, embora permanecessem, ambos, distintos dois; sentia, ou pensava que então sentia, que era como se sempre se tivessem mutuamente pertencido; como se se devessem ter sempre mutuamente pertencido ao conhecerem-se assim. Esse amor morno e simultaneamente escaldante dos corpos confortáveis, bonitos na idade, cultivados pela vida e, simultaneamente, ingénuos e arrojados e não assépticos, era o que queria para si, apesar de o seu corpo ter sido já cortado e dilacerado e se encontrar mutilado por dentro e por fora era, ainda, essa ternura maior que procurava e a que aspirava. Os tacões das botas a martelar por sobre as ripas de madeira do passadiço ao ritmo das lembranças e palavras naufragadas despertaram-na e, de súbito, na concavidade da duna, naquela contida surpresa do caminho, viu abrir-se a imensidão do mar azul. Caminhou um pouco mais por sobre a areia e quedou-se bem na orla do precipício a perder o olhar no imenso vazio de ninguém, no formar e no rasar das ondas, nas areias douradas da praia, extensa meia lua.

Queria ter podido dizer-lhe:

- Em ti e em mim (e talvez que também em outros e todos, o que é irrelevante), há uma necessidade constante de se ser conquistado e conquistar. Quisera que aquilo que sinto que conquistas em mim fosse o que conquisto em ti, que é crescente o que me faz desejar-te. Que são as pequenas coisas que em ti me atraem: o modo como chegas simples a carregar nos braços coisas igualmente tão simples como o pão e a manteiga; ou o modo como cortas a fruta e abandonas a obra rápida, feita de arte e já natureza morta, sobre o balcão da cozinha. Mas só o teu modo de chegar, de chegar apenas, é para mim arrebatador e deixa-me saudade. Por isso, que te hei-de perguntar sempre quando voltas...

Nessa tarde ele telefonou-lhe e ela não conseguiu disfarçar na voz a angústia que desde a manhã a não deixava. Que não, que não estava a chorar, insistiu ainda; que sim que estava, anuiu por fim. Que a tinha deixado só e sem aviso, que nunca mais fizesse isso, que isso não se

faz.

- Mas, a menina estava a dormir tão bem !... Não a ia acordar e tinha de regressar!... - respondeu, aparentemente surpreso.

Mas a partir desse dia as visitas rarearam, ainda que não por ela que o desejava sempre e sempre mais, se é que faz sentido falar no ainda mais do desejo, no além desse desejo que de tão intenso apenas se insatisfaz já continuamente. Que tudo era um querer mais que bem querer, um tudo ou nada, e esse amar perdidamente, esse ser alma e sangue e vida de poetisa maior. E se primeiro e último pensamento do dia a ele pertenciam, também todos os que de permeio lhe habitavam o cérebro lhe eram dirigidos, que ela assim se entretinha, indisciplinadamente afundada, em quase contínuas, furtivas e arroubadas formas, a cultivar mais íntimos e demorados pensamentos sem se cansar nunca. E detinha-se a pensar o quanto tudo nele era tão profundamente másculo e simultaneamente delicado, a tornar mais viva a paixão, assim, estupidamente alimentada da distância; que, ao invés de esmorecer, se ateava após cada encontro e se assumia como teimosamente capaz de reviver, em recultivadas memórias, até ao seguinte.

Assim que ele surgia na ombreira da porta, apenas se continham cortesmente por breves instantes que o pequeno beijo na face arrastava outro, impelia maior abraço e acabavam a amar-se ali, perdidos no hall de entrada, na mútua e quente procura dos corpos. E quando, finalmente, se encaminhavam para o quarto, era para mais viva e profundamente mergulharem no doce sabor dos corpos e ela lhe aspirar a fragrância da pele e, literalmente, beijá-lo da cabeça aos pés. E nessa metamorfose de corpos ele chegava a imobilizá-la de tal modo, tornando-a tão obrigatoriamente dele que o orgasmo sobrevinha em abandono forçado e subtil. Só então a libertava e ela beijava-o vezes sem conta no rosto e pescoço e peito e pénis, roçando nele o rosto e os lábios entreabertos, quentes e húmidos, até o envolver no fundo da garganta que ele, então, acariciava exteriormente em inquietos movimentos. Então, masturbavam-se e na penumbra e no silêncio do quarto ele sugeria-lhe, naquela combinação perfeita dos corpos, entre o afagar as suas coxas e o explorar-lhe pequenos e grandes lábios, antes de lhe introduzir os dedos na vagina molhada, serem já mais e tantos os corpos – ao que silenciosamente anuía. Apaixonada, sentia o fluir do sémen aveludado e quente, a cair leve por sobre si, e antes de lhe beijar o corpo doce e desnudo, não se continha a suavemente envolver-lhe o pénis, por entre os lábios. Dessa vez, ficaram deitados agarrando-se levemente as mãos, com ela a pousar a cabeça por sobre o seu peito, aspirando, ainda, o seu suave odor. Mas ele passou a partir, deixando o pequeno almoço a dois esquecido, e a ela tão só quanto a eólica, que ambas, cada uma a seu modo, se achavam perdidas muito antes da chegada das manhãs, agora sobrantes, no imensurável vazio do mar azul. Ele telefonava-lhe praticamente todos os dias mas ela sentia a falta do abraço, do sorriso, do tom mais presente de leve sarcasmo e, sobretudo, de o poder observar e admirar, quando ele se levantava e se afastava para fazer ou atender um qualquer telefonema. Oferecia-se-lhe, então, estranhamente esbelto: os cabelos brancos, a silhueta elegantemente delineada, as pernas feitas duas altas âncoras, todo ele a deixar emanar aquela segurança, tão mística quanto feminina e estupidamente louvada, de uma masculinidade forte e estranhamente delicada. Ele, de resto, brincava com ela, dizendo-lhe: - Tu és perigosa!

Recolheu os livros espalhados por sobre a secretária e arrumou-os dentro da pasta, envergou o casaco e saiu da sala, atravessando o corredor ainda densamente povoado de alunos, a abrir, uma e depois outra, as pesadas portas corta-fogo. Passou pelo balcão apinhado de funcionárias e depositou sobre ele o livro de ponto e um fugidio bom dia, já a empurrar a porta de vidro a dar acesso ao, agora sombrio, pátio de entrada. O ar frio fustigou-lhe a face e apressou o passo a percorrer o reto caminho, em crescendo ladeado de árvores e relva, que contornava o edifício até ao parque de estacionamento. Quase na entrada, deteve-se a vasculhar no bolso o maço de cigarros e o isqueiro, que a luz do sol banhava aquela parte do edifício e o frio, inicial, fora docemente substituído pelo gradualmente leve e ameno calor

trazido na ponta dos compridos raios do sol poente de novembro. Pousou a pasta e acendeu um cigarro, sentando-se sobre o pequeno murete que ladeava a entrada da garagem, feita sinistra e escura caverna poucos metros para lá da barreira que franqueava a entrada. Um carro chegou e a sua condutora acenou-lhe um cumprimento, a que respondeu de modo igualmente mudo e silencioso no breve intervalo do erguer da barra listada de vermelho e branco. Simultânea e mecanicamente, tateou o pequeno comando no bolso do casaco a assegurar-se, pela milésima vez, de que o trazia consigo e de que não precisaria de voltar atrás, ou esperar alguém que, simpaticamente, lhe cedesse a passagem para poder retirar o carro, e inspirou longamente e mais descansada o cigarro. Achou que a aula tinha corrido mais ou menos bem, apesar de os alunos se terem mostrado combalidos pela morte do colega no acidente de viação, noticiado em todos os jornais da véspera dada a aparatosa violência do embate, e que os seus receios, alimentados pelo nervoso de enfrentar a turma sem saber o que dizer, tinham sido infundados. Cerrou os olhos a deixar-se embalar pelos mornos raios de sol, a escutar o sussurro das folhas nas copas das árvores, o chilrear dos pardais e sorriu involuntariamente ao recordar o aluno falecido e a pergunta que durante uma aula ele lhe fizera. Levou uma última vez o cigarro aos lábios e ficou a ver a pequena espiral de fumo a serpentear no ar até se tornar invisível, antes de o apagar no chão de terra batida. Depois, caminhou até ao cesto do lixo que, na sua frente se erguia em meio de pequena poça lamacenta, e que apenas pela forma, não fora a cor verde acinzentada, lhe recordava flamingo órfão acorrentado ao descanso, para nele deitar o cigarro apagado. Procurou, novamente, em mecânico e inconsciente gesto, a chave do carro na bolsa exterior da carteira, apanhou a pasta do chão e entrou na gélida e escura garagem, a já lamentar a perda, ainda que só momentânea, do sol. A colega que antes cumprimentara devia ter tomado o caminho que da garagem dava acesso, pelo interior, ao edifício - pensou ainda, acomodando-se no carro. Fez a viagem, sempre a mesma, calada, imersa e embalada pelo som monótono do rodar manso dos pneus sobre o asfalto e do macio trabalhar do motor do carro que, de outras vezes, cantarolava, por vezes acompanhando melodias da rádio para espantar o desolador silêncio. Por duas vezes, mais precisamente aos quilómetros 25 e 49, premiu o manípulo na porta do carro accionando o elevador, obediente, do vidro da janela do condutor, para deixar entrar o ar frio do entardecer. Concentrou-se mais na condução porque o sol ofuscava-lhe agora a vista, de tão rente surgir no horizonte e obrigava-a a, por vezes, quase adivinhar o caminho na autoestrada deserta em que seguia devagar, antecipando as curvas, as pontes, as placas de indicação, as árvores que conhecia de cor. Assim que deixou de a incomodar, o céu surgiu-lhe desbotado, sem aquele espraído flamejante que prometia e cumpria o calor de cada um dos dias seguintes no verão. Em seu lugar, apenas um ponto surgia agora como esquecido no cosmos: a luz brilhante de Vénus. Observou-a por breves instantes, e voltou a revê-la na sua frente assim que desembocou no fim da saída da autoestrada; pouco depois arrumava o carro na garagem da casa e, mesmo antes de cerrar a porta, despediu-se de orión e da gigante vermelha aldebaran.

O telefone tocou e ela atendeu para ouvir a voz que displicentemente perguntava:

- Convidou-me para jantar?

Riu, surpreendida, a responder-lhe que não.

-Não? – Insistiu ele, desafiante.

- Não, mas posso convidar. Venha, proferiu, entre o preocupada e divertida, a abrir as portas do frigorífico, a descrever já infantilmente o conteúdo do congelador, a aventar hipóteses para a refeição a confeccionar.

- Posso fazer massa com atum...

- Isso faço em casa!

- Não quer!... – concluiu bem disposta, achando-o atrevido pelo modo aligeirado ainda que simpático.

- Da última vez em que o convidei fiz cozido, e não veio... - ouviu-se a dizer em tom semiacusatório, de que quase de imediato se arrependeu.

- Pode-se sempre ir buscar qualquer coisa...

- Pode... - retorquiu ela hesitante, pensando que não lhe dava jeito nenhum.

- Eu já volto a telefonar.

Assim que ele desligou, correu a abrir as portas da varanda para arejar a cozinha e galgou as escadas a escancarar as portas exteriores da sala e do quarto.

Entrou na casa de banho e lavou os dentes e bochechou e gargarejou com um elixir, enquanto mudava as toalhas. Olhou-se ao espelho e viu um rosto cansado, triste e pouco belo, que logo se apressou a mergulhar em água fria, para depois o secar e passar um pouco de creme. Procurou, em seguida, na gaveta do armário o pequeno tubo, quase a acabar, de base para as olheiras que aplicou em pequenos e leves gestos sob os olhos, passou a base e um pouco de blush nas maçãs do rosto. Lavou-se rapidamente debaixo dos braços e colocou spray desodorizante, deu um pequeno jeito ao cabelo e volveu-se a descer as escadas rumo à cozinha em autêntica lástima.

Acabava de colocar louça na máquina quando o telefone voltou a tocar.

- Senão, posso ir amanhã de manhã, ou à tarde... - Ouviu-o dizer.

- Oh, não! Agora venha! – reclamou, aborrecida pelos dito e contradito.

- Parece que não é muito oportuno, e...

Olhou a cozinha tão pouco arrumada e sentiu-se de facto contrariada, porque ele aparecia sempre que queria e quando queria, raramente quando ela lho pedia ou convidava ou, o que quer que fosse mas, surpreendeu-se ao ouvir-se insistentemente responder-lhe:

- Venha.

- Até já.

O telefone ficou mudo, naquela mania tão sua do súbito e repentino desligar, e sentiu-se ainda mais cansada e contrariada. Recolheu os tapetes do chão e sacudiu-os no pequeno jardim, aspirou e pôs a mesa, deixando ficar por sobre a toalha, previamente sacudida e cuidadosamente colocada, as pétalas espalhadas, em igualmente rápido e cuidadoso desalinho, da flor de japoneira que há algum tempo atrás colocara na pequena jarra, ao centro da mesa, agora com um só talo de pequeníssimas folhas verdes.

Abriu então, quase que pela primeira vez conscientemente, o frigorífico e dele retirou um pimento verde, que abriu e cortou em tiras finas e a que juntou uma cebola inteira cortada às rodelas que depois levou ao microondas, em pequeno tacho com fundo regado de azeite e sal. Retirou do congelador cinco fêveras que depois de descongeladas picou na moulinex, e a que juntou um pouco de chouriço, bacon, azeitonas, pimenta rosa e salsa, assim rapidamente fazendo um pequeno rolo de carne; lavou e colocou quatro batatas em um prato e picou-as, em cada um dos lados, com um garfo. Ligou o forno e colocou nele o rolo de carne; abriu a porta do microondas, observou os pimentos e achando-os prontos retirou-os, colocando nele as batatas. Preparou uma sertã com um pouco de azeite que colocou sobre a boca do fogão e logo que as batatas deram sinal de cozidas, o que atestou com um pequeno murro, alourou-as, polvilhando-as a final com um pouco de alho. Fatiou dois pães que rapidamente torrou e com que encheu o pequeno cesto que, de imediato, colocou sobre a mesa. Abriu de novo o frigorífico e verificando que não tinha manteiga, pegou nas chaves e saiu de casa dirigindo-se ao restaurante mais próximo, para ver se lhe vendiam duas pequenas manteigas, que àquela hora já não encontrava mais nada aberto.

Na caixa registadora, o proprietário, ante o pedido, fez uma cara misto de enfado e condolência, mas solicitou ao empregado de mesa que lhe trouxesse duas manteiguinhas que prontamente lhe ofertou. Ela agradeceu e perguntou quanto era assim se prontificando a pagar todavia, o proprietário, flexível e célere no extravasar emotivo das feições, redobrou o misto de enfado e maior condolência, dizendo-lhe que não sabia quanto lhe havia de cobrar e que não era nada. Sentiu-se algo constrangida, insistiu ainda, mas acabou por agradecer, e guardando as manteigas na carteira saiu-se a dizer, desafortunadamente, que depois, então,

proximamente, voltaria e levaria meia dose de qualquer coisa, deixando um tanto ou quanto boquiaberto o proprietário que não conseguia decidir-se a escolher, na interpretação a dar à resposta ouvida, entre o desprazer e a simpatia.

Retornou a casa e colocou as manteigas, que quis crer gentilmente ofertadas, sobre um pequeno prato que dispôs estrategicamente no centro descentrado da mesa, por entre as pétalas caídas e cuidadosamente desalinhas da que fora flor camélia; o cesto do pão, pleno de torradas douradas e uma pequeníssima taça com algumas azeitonas, compunham o resto da que se lhe oferecera tela. Retirou do frigorífico uma alheira, colocou-a numa sertã em outra boca do fogão. Ficava bem como entrada. Mais calma, relanceou um olhar aprovador por sobre o aposento. Faltaria, talvez, e apenas, acender a lareira.

A campainha da porta tocou e ela correu a abri-la para se deparar com ele ainda mais elegante e bem parecido, a surgir na ombreira da porta. Olharam-se e sorriram ambos: ela no indisfarçado contentamento de o ver, ele no da garbosa e delicada humildade pelo que era dela indisfarçado sentir.

- Entre... - convidou por fim. Cumprimentaram-se, sorrindo ainda, por entre o fechar da porta, naquela que era manifestação contida de afeto há muito adiado; e cedeu-lhe o passo a encaminhá-lo diretamente para a cozinha.

- Já o não via há tanto tempo! Conte-me: que tem feito? – Falava sem o olhar, aparentemente ocupada a procurar um recipiente em que pudesse servir o jantar. Mas não pôde deixar de se autocensurar pela pergunta parva, já que quase todos os dias ele lhe telefonava e se falavam, mau grado saber dele tanto como no primeiro dia, ou seja, nada, ou quase nada. Nem onde morava, nem como habitualmente passava os dias, fosse em férias, ou em trabalho. Nunca, aliás, tivera jeito para inquisitoriais, e outros interrogatórios, e a ideia que, inicialmente, tivera de lhe procurar, por entre o sono, quaisquer documentos de identificação, esvanecera-se e perdera-se sempre, envergonhada e constrangida, em cada oportunidade.

- Nada...! - Respondeu evasivo, a deter um calado olhar por sobre a mesa, que ela, em relance observou, profusamente atrapalhada.

Fazendo-se mais atarefada do que realmente necessitaria, espreitou o rolo de carne no forno e de seguida, incontida, beijou-o na face, sentindo-se interiormente satisfeita com a mesa posta bonita e intimamente agradecida pelo seu silêncio quanto a isso. Ele abraçou-a mais fortemente e introduziu-lhe a mão por entre o cós apertado das calças a abraçar-lhe o sexo adivinhado molhado e, a mostrar-lhe que explicitamente a desejava, encostou-a contra a parede a já lentamente se introduzir nela. Até que ela o beijou, estreitando-o a si, mais e mais.

- O jantar não irá queimar? - Interrogou-a. Ela soltou jovial gargalhada, nada constrangida. Beijou-o em meia despedida e, ainda a distribuir outros beijos na sua pele macia e suave, afastou-se. Aproximaram-se do lava-loiça para em conjunto lavarem as mãos.

- As minhas não cheiram a sexo... - garantiu ela, colocando-lhas ingenuamente por sob o nariz, abraçando-o ainda, na espera de que ele se sentasse para poder servir o jantar. Falaram de nada. Sobre os pimentos, sobre a televisão desligada, sobre a carne e a pimenta rosa, sobre as batatas com pele que ele, meticoloso, escarpelizava. Falaram de nada que ela não sabia o que lhe dizer, naquela que era a sua forma de lhe querer, e porque lhe era quase impossível a proximidade sem o não beijo, o não abraço de tão sofridamente adiados.

- Não tenho sobremesa... - Lamentou, erguendo-se, por fim, da cadeira para levantar a louça da mesa.

- Não faz mal... não quero mais nada.

Abraçaram-se, e logo ela se sentou ao seu colo, a acariciar-lhe o cabelo, até que ele lhe sugeriu que subissem, logo abandonando a cozinha e deixando-a só, no que era o levantar adiado dos dois pratos vazios e dos dois copos, dos quatro talheres, para tudo colocar em desarrumada pressa sobre a banca.

Quando entrou no quarto ele ainda se despiu mas, mal ela pousou sobre a mesa de cabeceira o copo que levava com água, logo a puxou a si arrebatando-a aos seus pés na pressa de ser beijado e ela, a desejá-lo intensamente, a deixar-se arrebatado na pressa de o beijar.

A espaços, por entre beijos que lhe ia distribuindo em corpo inteiro, foram-se despindo atabalhoadamente, até que o encontro da nudez macia dos corpos os acalmou momentaneamente e trocando-se mais leves afetos na pele suave, ele depositou-lhe um beijo por sobre o ventre, na linha que quase simetricamente, qual equador, o dividia, e afagou-a aconchegando-a a si, no que ela entendeu silenciosa paixão e amor breve, momentaneamente confessos. Pareceu-lhe que foi, então, nesse preciso instante, que cresceu entre eles o maior respeito, que cresceu ainda mais fortemente o dela por ele, e beijou-o no que quis recíproco beijo, a roçar a boca húmida e quente no seu pénis, a igualmente desejar fazer sua a pele macia do que era o seu robusto e doce corpo, mas surpreendeu-se aquietada pelo intenso e suave e breve e leve, e mais doce e terno beijo que, por entre as suas pernas e com redobrado calor, ele lhe depositava nos escuros lábios antes de mais calorosamente os apartar e ela lhe sentir, um só instante, a língua macia, que já em fervoroso e ardente beijo outro a procurava, a fazê-la perder-se em inebriado fascínio e em desejo inaudito e incontrolado a detonar calmo em responsiva obediência às mais ternas, sábias e singulares carícias. Ali, ambos silêncio e verdade.

- Tive saudades suas! - Murmurou-lhe Ela, por fim, bem junto ao ouvido, aconchegando-se-lhe.
- Jeba... – Sussurrou-lhe Ele, docemente, na voz baça e baixa, suave, acariciando-lhe levemente o cabelo.

Menção Honrosa

ERNESTO LOPES NUNES

“Trovas de Amor”

Na solidão de meus passos,
Sinto os passos em que errei
E nos braços os abraços
Dos braços que desejei...

Para quem vive sonhando
Um amor profundo e belo,
Mesmo em choupana morando,
Está a habitar um castelo.

Eu sou pobre, pobrezinho
E rico como um senhor:
- Sem ouro, tenho carinho
Nos braços de meu amor!...

Beijo atirado é trejeito,
Dado na face, ternura,
Beijo na mão é respeito
-Nos lábios...uma loucura!

Não chegam juras de amor,
Quando as mãos estão paradas:
-Fogueiras só dão calor
Se forem bem ateadas...

Arrufos, aos namorados,
Não lhes fazem nenhum mal:
-Sem picantes, os guisados
São comidinha sem sal...

Nestas quadras tão singelas
Passa o amor de uma vida:
Mesmo vivido em procelas
Leva a vida de vencida!

Menção Honrosa

INÊS AMADOR E PIRES

“A menina no teu ombro”

Suaviza a tua voz
Como os verões das nossas vidas
Eternizaram peónias
E conta-me estórias
De puerícias e colonialismos
De corações já sem estoicismos
Encalhadas em velhas glórias
Ou alegorias rendilhadas
Leves e alvas em cúpulas lívidas
Entre primaveras transpiradas
Benévolas peónias ao suono derramadas
Nos verões das nossas vidas

Deixa-me ser a menina no teu ombro
Ou a colecionadora dos teus sonetos
E vociferá-los a branco e preto
Em balancé de desassombro
Decorando os teus prazeres e recatos
Entre as peónias, os recortes, os velhos trapos
E de novo como um todo
Oxítonos em tom mudo e gasto
Os teus braços para meu repasto
E o teu cólo para meu consolo

Menção Honrosa

JOÃO ALEXANDRE PEREIRA HENRIQUES

“Um anjo esquecido”

Primeiro ouviu o som que as rodas da mala faziam ao rolar na calçada irregular.

O som de um presságio.

Depois o dia escureceu ligeiramente, apenas um tom, e ele viu pela janela o rosto dela, de perfil. Passava muito devagar, como se estivesse em câmara lenta. Ou como se flutuasse.

Deixou de ouvir o som das rodas na calçada. Talvez ela se detivesse em frente da porta. Talvez hesitasse. A campainha tocou ao fim de alguns segundos. Aquele som que tinha qualquer coisa das badaladas de um sino.

Bebeu o último gole de café que sobrava na chávena e levantou-se para ir abrir a porta.

*

No início era a descoberta do espaço.

Eles eram dois estranhos e descobriam o seu lugar naquela casa que agora era dos dois. Como numa coreografia. Ou talvez se aproximassem do abismo. Tacteavam no escuro, os passos leves e firmes. E tentavam não cair.

Ele vivia na casa há algum tempo.

Partilhara a casa com diferentes colegas da faculdade que, com o tempo, foram saindo. Ele passava os dias fechado na pequena biblioteca e mal notava que as pessoas na casa saíam e davam lugar a outras. Raramente saía e, quando o fazia, sentia cravar-se nele um vazio.

Gostava da primeira golfada de ar fresco que lhe entrava nos pulmões.

Gostava de sentir as faces gelarem ao frio.

Gostava de ter frio.

Mas passado pouco tempo a ansiedade começava a crescer. Como se estivesse a negligenciar alguma coisa. Como se pudesse esquecer-se.

E então regressava. A escuridão da biblioteca, onde talvez já se tivesse entranhado o seu cheiro. Aquela escuridão apenas atenuada pelas réstias de luz que entravam pela pequena abertura entre as cortinas. As cortinas que sempre o escondiam do exterior. Que o isolavam do mundo.

E as longas tardes em volta de um só capítulo. Ou os dias inteiros em torno de uma só frase. O sentido obscuro de alguma coisa.

Escrevia teses estranhíssimas que nunca ninguém leria.

Procurava ligações entre frases ambíguas dos seus escritores preferidos.

Os seus escritores.

Procurava ligações entre escultores checos e escritores russos de épocas diferentes. Um pintor espanhol de que gostava muito. As ligações que talvez nem sequer existissem. No fundo, andava à procura de uma essência.

Era como se quisesse circunscrever uma pulsão.

Ou como se as obras que estudava fossem veículos de uma mesma pulsão, que ele tentava reconhecer pelo toque.

E a noite chegava sem que ele desse conta.

*

A porta estava aberta e ele via o vulto dela passar no corredor despido.

A mesma sensação estranha daquela primeira vez.

A sensação de que ela se movimentava em câmara lenta.

E no entanto ele não a conseguia fixar. Como se ela fosse só uma impressão. Algo em que não se pode tocar.

Ela saía e chegava pela noite dentro e ele acordava quando ela batia a porta. Ou talvez ainda estivesse acordado, à espera.

Ela saía e chegava tarde e às vezes um rapaz ou um conjunto de rapazes e raparigas acompanhavam-na até à porta. Mas ela nunca os convidava a entrar. Sabia que era a casa dele. Ou sabia que era a casa deles.

Ele nunca saía e olhava com algum desinteresse para ela.

No fundo, sabia que ela tinha acabado de chegar. Sabia que estava apenas a começar.

Decidiu que ela não sabia nada e que, de certo modo, talvez ainda nem sequer existisse.

*

Acordou sobressaltado.

Despertava de um sonho estranho em que era perseguido por alguém.

Espreitou as horas no relógio e quando tentou retomar a história com que sonhara ela já tinha desaparecido. Talvez voltasse mais tarde, despertada por qualquer coisa do seu dia. Ou talvez voltasse ainda mais tarde, sob a forma incompleta de uma impressão. Ou déjà-vu.

Foi até à cozinha, que estava mais iluminada do que era costume. As cortinas estavam abertas a toda a largura da janela. Por uma fresta aberta entravam brisas frescas da manhã e ele teve um arrepio de frio. Mas ele gostava de ter frio.

A rapariga estava sentada e tinha as costas voltadas para ele.

Ela sentiu a sua presença e voltou-se. Tinha uma camisola preta muito justa ao corpo. E um decote que mostrava o princípio dos seios. Parecia não sentir frio.

Ele cumprimentou-a e ela ofereceu-lhe café.

Os gestos estudados que faziam quando se encontravam os dois em algum lugar da casa. Como numa coreografia. A vida deles era uma peça de teatro e eles tinham de decorar bem os seus papéis e os passos das personagens para não cair no abismo.

*

Agora ela não saía.

Ele sentia-a na casa. Escutava os silêncios e imaginava os movimentos dela. Questionava-se se ela cumpria a sua coreografia quando não estavam juntos. Os encontros fortuitos na casa, que talvez já não fossem tão fortuitos assim. E as imagens que lhe acorriam ao cérebro e que ele tentava silenciar.

Imagens da rapariga no quarto.

Imagens dos movimentos que ela executava em silêncio.

E depois havia as aparições no corredor. O rosto de perfil que ele via de passagem. O rosto de perfil que se movia em câmara lenta e que ele não conseguia fixar.

Agora levantava-se cedo e encontrava-a quase todos os dias na cozinha. Bebia o café que ela lhe preparava, num dos pequenos movimentos que iam juntando à coreografia. E por vezes detinha-se no decote da camisola. O princípio dos seios dela que já fazia parte do seu imaginário. Das suas fantasias.

Agora ele olhava para as letras nos livros mas não as lia.

Como dantes, mantinha-se sentado à secretária, embora o fizesse mais por hábito do que por convicção. Embora o fizesse apenas por respeito ao seu papel na história.

Levantou os olhos do livro que não lia e viu que a silhueta dela se recortava na ombreira da porta. Não estava de perfil, como de costume. Olhava-o nos olhos com um olhar curioso, talvez desejante. E ela tinha a curiosidade dos gatos.

Ele conseguia sentir a tensão que se concentrava no ar.

A tensão que emanava do corpo dela. Aquele corpo pequeno que existia com tanta força.

Ela tinha os pés descalços. Umas calças de ganga justas ao corpo. E a camisola preta decotada, que deixava ver o princípio dos seios.

Ele mal conseguia disfarçar a respiração ofegante que o tomava.

A rapariga deu um passo silencioso em frente e entrou.

*

Agora ele nunca a encontrava de manhã.

Era como se ela tivesse desaparecido.

Agora ele fazia o próprio café e bebia-o na biblioteca. Olhava para as letras impressas nos livros mas não as lia. No fundo, perdera toda a concentração. Havia já algumas semanas que não escrevia uma frase. E não tinha vontade de voltar ao que fizera antes. Afastara-se do seu trabalho e ele deixara de fazer sentido.

Agora ele comia pouco.

Apenas uma sopa, quando havia. Uma sandes de queijo e uma peça de fruta. E passava o resto do dia a chá e café. Ligava o rádio depois de almoço e deixava-se cair na cadeira da secretária, escutando canções tristes que falavam de desencontros.

Mantinha-se na biblioteca por hábito. Talvez por respeito à coreografia que executava no espaço. E mantinha os olhos fixos na porta durante horas, na esperança de ver a silhueta dela de perfil, deslizando pelo corredor em câmara lenta.

À espera de que ela se voltasse e o olhasse nos olhos e desse um passo na direcção dele. Mas era como se ela tivesse desaparecido.

Agora ela saía e chegava tarde e às vezes um rapaz ou um conjunto de rapazes e raparigas acompanhavam-na até à porta. E ela já deixara entrar alguns dos rapazes.

Ele ouvia os seus silêncios e imaginava os movimentos deles no espaço. E depois o silêncio era rasgado pelo som de um gemido, apenas parcialmente abafado. E ele gravava aqueles restos de som na cabeça, como se já os tivesse ouvido antes.

E descobria alimento para os pesadelos.

*

Ele acordou sobressaltado.

O som que as rodas da mala faziam ao rolar nos corredores da casa.

Ouviu a porta da rua abrir-se. Os movimentos silenciosos, quase invisíveis. Depois ouviu o estalido que a porta fazia ao fechar.

Levantou-se e foi até à cozinha. O café estava feito. Encheu uma chávena e sentou-se. Os olhos fixos na janela. Ouviu o som que as rodas da mala faziam ao rolar na calçada irregular. Cada vez mais perto.

O rosto dela apareceu recortado na janela, de perfil.

Passava muito devagar, como se estivesse em câmara lenta.

No entanto, ele não o conseguia fixar.

Alguns segundos depois deixou de ouvir o som que as rodas da mala faziam ao rolar na calçada.

Menção Honrosa

JOÃO S. MARTINS

“o tempo de nós”

era o tempo
de outros minutos e
segundos momentos
tempo de ti e
para ti todo o tempo
de nós para nós

tempo de usar
as mãos e as tintas
fazer e desfazer
a cama construir
ilusões escritas
certezas da paixão

sem medo de ter medo
do tempo de criar tempo
palavras e gestos
redobrados desejos
mãos circulares
silenciosos beijos

falam de nós dizem tudo
o que as palavras soletram
pedindo tempo só para nós:
uma tarde por dia para pintares
palavras mais tarde instantes
depois de um dia faz-nos falta
o tempo de nós

Menção Honrosa

JOÃO S. MARTINS

“versos de calendário”

todos os meses te encontro
janeiro frio me aporta
ao calor do teu ombro

outros meses mesas sabores
que importa o vento ou o frio
se o calor vem do teu lado

maias papoilas de maio
rubro junho das espigas
douradas que semeamos

subimos à serra é abril
ficam para trás segredos escondidos
sedentas primaveras que me envias

mês de agosto é o teu gosto
quente no abraço do sol e
luas no teu mar estrelas

dos teus olhos renascidos
nas sombras das noites longas
que esperam folhas em queda

antes de outubro chegar
entre setembro ou novembro
ou inverno de qualquer mês

muitos meses muitos muitos
dias e anos te espero
todo o tempo é tempo de ti.

Menção Honrosa

INÊS QUEIRÓS GERALDES

“Ao ser minha, perde a magia”

A minha namorada era tão segura de si. Espontânea, imprevisível, nunca sabia o que podia esperar dela, nunca sabia qual seria o seu próximo passo. Antes de ser minha, ela era daquelas raparigas que nenhum rapaz sonhava ter, não era de ninguém, não pertencia a nada. Tudo lhe pertencia porque ela tinha o poder de cativar qualquer coisa por que passasse. Mas um dia, ela foi minha. Eu achei que aquilo fosse ficar por ali e, embora quisesse continuar porque ela era um sonho, não insisti. Acabamos por nos envolver mais vezes, até que se tornou uma rotina. Quando estávamos juntos eu sabia o que ia acontecer, sabia que nos íamos beijar, sabia que provavelmente iríamos dormir juntos e repetir tudo o que tínhamos feito na semana anterior. Eu não deixei de gostar, mas deixei de ansiar. Eu sabia que, se a quisesse, bastava ligar-lhe e ela vinha ter comigo. Ela não era uma rapariga muito ocupada, por ser tão solta não tinha muitos amigos, eu estava com ela quando queria. Ela convidava-me sempre para alguma coisa, tinha planos para nós todos os dias e, mesmo que eu não pudesse naquele dia, sabia que no dia seguinte iria estar com ela, bastava eu poder. Deixei de esperar para estar com ela, deixei de contar os dias. Deixei de sentir aqueles choques eléctricos sempre que ela me tocava, porque ela fazia-o imensas vezes. Deixei de me inclinar para a beijar, porque sabia que ela viria ter comigo. Os beijos dela eram iguais todos os dias, já não eram mágicos. Eu sabia que, se ela manobrasse a língua para a direita e eu para a esquerda, o movimento seguinte ia ser o contrário porque, embora estivéssemos sempre coordenados, a verdade é que eu já sabia o que ia acontecer cada vez que os meus lábios se aproximavam dos dela. Eu sabia quando ela me ia colocar a mão na perna e subir para me provocar. Como homem, como carne, ela conseguia sempre o que queria. Mas a minha alma já não se acendia sempre que ela olhava para mim com aquele olhar tentador. Não lhe resistia, porque a verdade é que ela continuava linda e ferosa como sempre fora. Qualquer homem que não a conhecesse, derretia-se e gabava-me a sorte. Os meus olhos não se acendiam. É claro que achava piada por ter uma miúda linda comigo e pronta para se envolver comigo sempre que me apetecesse - sejamos sinceros, ela fazia aquilo melhor do que ninguém. Mas isso era apenas o meu lado carnal a falar, porque como alma, como instinto e espírito, ela era apenas mais uma ali. Porque eu sabia os seus movimentos de cor. E ela perdera toda a imprevisibilidade que me fizera apaixonar perdidamente. Agora apenas gosto dela e da boca dela que me leva ao céu de várias maneiras. Mas ela já não passa disso, de um bom rabo e uma boa boca - ela já não tem magia, já não a olho nos olhos nem lhe vejo a mente. Já não a quero desvendar nem cuidar dela senão apenas para ter a certeza que nada lhe mal acontece, como mulher que é. Porque como namorada, ela já não é mais nada, apenas minha. E ao ser minha, perde a magia.

Menção Honrosa

TIAGO ABREU

“A ti que nada sabes”

A ti que nada sabes,
Escuta-me bem. Apenas te direi por uma vez estas palavras.

Não a acordes de manhã. Nunca o faças. Quando a conheceres suficientemente bem, saberás que o despertador dela toca por quatro vezes. De quinze em quinze minutos. E habitualmente só se levantará quando o último tocar e ela estiver já atrasada para viver. Saberás com o tempo, que ela precisa de ir acordando. Não acorda simplesmente.

Não fales de mais logo pela manhã. Não o faças. Nem sequer te aproximes demasiado para a abraçar ou beijar. Saberás, também com o tempo, que estarás a sufocá-la e a tirar-lhe o ar que tanta falta lhe faz para ser feliz. Ela precisa de ir acordando, lembra-te. Não acorda simplesmente.

Se quiseres preparar-lhe o pequeno-almoço de surpresa, fá-lo composto de fruta. Saberás com o tempo que ela não se sente bem se comer demasiado. Diz que as bocheichas crescem e se sente gorda. Verás que não, que por mais que ela diga isso, tu achá-la-às, se a amas, a mulher mais bonita do mundo.

Não lhe liguês demasiadas vezes ao longo do dia. Achará, por melhores intenções que tenhas, que a estás a tentar controlar e, novamente, a sufocá-la. Aprenderás com o tempo, que gostará que lhe liguês em determinadas alturas do mês, em determinadas horas do dia.

Diz-lhe que a amas as vezes suficientes para que tu próprio não te esqueças disso. Por vezes ela poderá ser uma pessoa fria e terá de saber viver com isso. Não o fará por mal. Saberás isso com o tempo. Haverá alturas em que deixará cair essa capa de gelo e será das pessoas mais sensíveis que alguma vez conhecerás. Saboreia cada um desses momentos. Um deles poderá ser o último.

Quando esse dia chegar, lembra-te.

Ela não acordou simplesmente para ti.

Lembra-te disso. Lembra-te que ela não acorda simplesmente. Que precisa de ir acordando. E, obviamente, não acordou para ti. Vai apenas acordando. E apenas o fez, porque a deixei adormecer. Porque deixei que dormisse.

Porque não deixei que o despertador tocasse quatro vezes;
Porque a quis cobrir de beijos e abraços logo pela manhã;
Porque quis que comesse mais que uma manga descascada ao pequeno-almoço;
Porque precisei de ouvir a sua voz vezes de mais ao longo dos dias, caso contrário quase não saberia respirar;

Com medo de me esquecer que a amava, usei denunciar-lhe demasiadas vezes esse sentimento.

Lembra-te que nada sabes sobre ela. E mesmo que passes uma vida inteira a seu lado,

continuarás a não saber nada. Nunca a conhecerás. Da mesma forma que ela simplesmente não acorda – vai acordando – também nunca a conhecerás por completo. Irás sempre estar a conhecê-la. E no dia em que deixares de entender isso, ela começará a adormecer e tu, para a acordares, estarás a descascar-lhe manga e a fazer torradas pela manhã; estarás a ligar-lhe a toda a hora, mesmo sabendo que ela não te quer falar; estarás a dizer-lhe que a amas e a esperar que te diga o mesmo.

Estarás a esperar.

A esperar.

E nada vai acontecer.

E quando deres por ti, estarás a escrever um texto, com o título, a ti que nada sabes, e a deixar esse legado a quem depois de ti não quiser deixar o despertador tocar quatro vezes.

Menção Honrosa

HORÁCIO LOPES

“O teu olhar”

Olhar que em mim cravas como gládio
em que te resumes. Sinto nele o teu desejo
perfurar-me a vida toda. Estremece-me
o teu sussurro. Despertas em mim tal sofreguidão
de vida, que concentro quanto sou
no almejado zénite que em mim
perscrutas e sonhas. Agarro o som da tua voz
como o afogado a mão estendida. Sei-o certo.
Viverei. Por ti. Contigo. Em ti.

Menção Honrosa

ARMANDINA GUIMARÃES

“O que muda”

O que muda...

As mãos, os cheiros,
As janelas, os lençóis,
os pratos na mesa,
O café da manhã.

As músicas e os filmes.

Nem os passeios são diferentes, já.

Permanece imutável:

Os silêncios vazios

O frio na alma, a ausência de abraço, o beijo suspenso,

Dois corpos na cama, lado a lado, com um infinito de silêncio entre si.

Solidão.

Frio.

A minha saudade,
O teu esquecimento.

A língua inglesa tem a palavra perfeita para esquecimento... obliviance. Musicalmente perfeita, igualmente dolorosa.

Hoje, estou tão cansada.

Já não peço, nem espero nada.

Nem o teu telefonema, nem o teu bom dia, nem a tua boa noite.

Reparei, agora, que estou no ponto de partida de todos os casos.
Exactamente no mesmo ponto.

Hoje, só quero aninhar-me no silêncio e ficar quietinha, assim, bem quietinha.
Chorar baixinho e limpar a alma.

Sem ti. Já sem ti.

O que poderias tu fazer diferente? Nada. Nada mais do que ser verdadeiro.
E a tua verdade é a minha ausência de ti.

Mais uma vez, des-sintonia do que queremos.

Vou deixar-te... Não quero ser o peso nem a amarra.

Silêncio.

E esperar que sintas saudade e a falta de mim.
Se isso não acontecer... paciência.

Muda o cenário. A viagem foi igual.
Mais uma vez...
Igual.
Sem tirar nem pôr.
Igualzinha.

Alguma coisa tem de mudar, algum dia.
Talvez eu...

Só não sei como... não sei mesmo...
Não sei...
Não...

Menção Honrosa

RITA R. VENTURA

“O meu nome”

Quente. O sol está tão quente que consigo ver as ondas de calor sobre a recente laje. Talvez tenhamos de adiar o início dos trabalhos, porque afinal, a terra não gosta de ser trabalhada a esta temperatura. Nem nós aguentaríamos.

Sugeres então planificarmos ao pormenor a construção do nosso pequeno éden.

Faço limonada, acrescento-lhe um punhado de gelo, e disponho num pequeno prato os biscoitos (que consideras desnecessários, mas tens a delicadeza de não o mencionar).

A cozinha mantém-se relativamente fresca, quiçá devido á pedra da bancada e aos azulejos que cobrem as paredes. Por cima da mesa, o pequeno lanche e papéis, muitos papéis, com desenhos, rabiscos e medições.

Preferia começar pelas flores, mas insistes nas ervas aromáticas e far-te-ei a vontade. Não me apetece discutir, mas também não valeria a pena. Talvez tenha a ver com o signo, o teu e o meu.

Passamos rapidamente da arquitectura para a constituição dos vasos. Mas será que o teu conhecimento acerca das ervas se resume aos coentros? Pois fica sabendo que o cebolinho é rico em vitaminas A e C (tal como a salsa e o manjeriço) e fica óptimo nas saladas. A hortelã-pimenta é indicada para aliviar crises de estômago, inflamações e dores no geral. Na cozinha, fica fantástica em molhos, sobremesas e bebidas, incluindo o chá. Por favor, não a condicione ao tempero da canja de galinha!

Talvez procure nalguma livraria um pequeno guia de ervas aromáticas. Embrulho-o em papel pardo e com um bonito fio de corda, prendo-lhe um cartão. Estou a pensar escrever "Com amor, e sabor". Não soa bem?

É deste plano mental que me chamas á realidade. Desculpa, podes repetir? Não, ainda não comprei os regadores, podes por na lista.

E tu tens de ligar aos homens, agora que desistimos da ideia do cimento e optamos pelo jardim e pela horta.

O meu entusiasmo é crescente, em segredo. Sinto-me empolgada com a ideia das noites quentes com cheiro a alfazema e terra molhada, envolvidas em café e conversas na mesa e cadeiras de ferro rendilhado e pintado de branco.

Não nos podemos esquecer dos caminhos em gravilha, e tens de procurar ali nos armazéns se nos dispensam as paletes. Palete, que raio de nome. Nem sei sequer se se escreve assim. A ver se logo procuro na internet a origem do nome, mas aposto que é estrangeirismo.

Mal dou por mim, estou de novo envolta em pensamentos longínquos... Já planeámos viagens, compras, mudanças. Planeámos o nosso casamento e o dos nossos filhos. Planeei até deixar-te, mas o meu amor por ti foi sempre maior. E agora vê só, chegamos a esta idade tão cúmplices! Então, depois do jardim, o que planearemos? Já sei, a primeira actividade de ocupação de tempos livres, após a reforma. Só não me peças para fazermos um daqueles cursos de informática para a terceira idade. Se fosse amanhã, optava pelo teatro. Já tentei uma vez, sabes, e não correu nada mal.

Que foi? Já te disse que não, põe lá o raio dos regadores na lista dos afazeres!

E é quando olho para ti, para a tua pele sem brilho, para os teus olhos sem vida, que a realidade endurece o meu coração. Nada é como dantes. Já não podes planear nada sozinho, porque ela acompanha-te mais que eu.

E se a minha reforma ainda não chegou, a tua veio mais cedo do que o desejado, e eu sinto que já não tenho forças para fazer bem o meu papel. De esposa, de companheira, de enfermeira.

Podemos voltar aquele verão, aquele lanche e aqueles planos? Ainda não temos o nosso jardim!

Volta para mim, chama-me pelo nome. Que saudades de te ouvir dizê-lo!

Vamos planear algo, os dois, apenas por prazer, e não como trabalho de casa prescrito pelas tuas terapeutas.

Chama-me pelo nome...

Menção Honrosa

MARTA ALVES GOMES

“Semáforos do Amor”

às vezes, dou por mim, no carro, a olhar pelo retrovisor e vejo-nos, no carro atrás do meu, a trocar lânguidos olhares apaixonados. um beijo de luxúria. e os carros atrás a buzinar porque o nosso amor lhes atrasa a vida. mas os carros buzina para mim. parado nos semáforos, a olhar para um amor que não foi. que não teve tempo para ficar parado no semáforo aberto. nem um beijo.

arranco contra a minha vontade, com medo de olhar para o lugar vazio ao meu lado. se esticar a mão, consigo sentir a tua coxa. consigo desenhar o contorno do teu rosto. o teu sorriso de conforto, quando pousava a minha mão na tua perna. não preciso fechar os olhos. conheço de cor as tuas formas. no teu lugar, está um maço de tabaco moribundo.

Menção Honrosa

ANABELA FELGUEIRAS

“Conversa com um amante sobre o amor possível”

Não espero fogo de artifício ou que explodam estrelas por aí,
Tu não vês deuses na terra nem trazes vulcões no coração ou lava no sangue,
(metáforas de poetas, sabes?)
Eu não vou mudar de cor, tu não vais mudar de pele,
Eu não sou tu, tu não és eu, equações nulas.
Seremos talvez números primos, díades de resto zero, quase indivisíveis.
Tu existes para que eu exista. Eu sou para que tu sejas.
E as coisas que nos separam (ui, tantas!) não nos afastam,
Nem delas nos afastamos.
Almas gémeas? Metades?
Não sei, nem digo.
Almas seremos sempre. Mas por inteiro.
E ainda assim imperfeitas e incompletas.
Não pertencemos. Somos.
E um dia, sem aviso prévio, um de nós vai deixar de ser
Quando a vida se lembrar de usar a foice.
Eu não sou tua, tu não és meu,
Pelo menos no sentido lato do verbo pertencer.
Sim, eu sei, os corações são como os poetas,
Gostam de pertencer um ao outro,
Gostam de morrer de amor (nem que seja em sentido figurado).
Pronto, ok. Troquemos de coração.
Agora és tu o poeta e eu a leiga,
Gosto de te ler por dentro, de te virar do avesso em provocação.
Agora és tu quem dialoga baixinho com os teus anjos desasados
E eu espeto o dedo no olho de Deus para que me veja,
Ou chuto o rabo do diabo, ora porque não?
Agora és tu o vaidoso que se mira no espelho
E eu finjo que troço, mas aprecio,
Não o ver-te no espelho, mas saber-te por dentro.
E é disso que sorrio à socapa. Do quanto eu te sei!
“Porque não te olho no espelho para que me vejas,
Mas para te ver.”
Agora tu és o veneno e eu o antídoto.
Eu sou o 12º signo da ternura e sensibilidade e
Tu és o escorpião secreto e mal-amado.
(oh meu bem amado!)
Nós somos o encontro que tinha de acontecer.
A colisão. Sem fusão ou anulamentos.
Átomos dançando, olhos nos olhos, em órbita dum mesmo núcleo.
Elementos díspares numa qualquer reação química
Que nos mantém íntegros, mas coesos.
Amanhã, voltaremos a trocar de coração,
Porque os poetas em nós assim exigem.
Não esperamos amores shakespearianos
Nem operas trágicas de Verdi.

Só o amor possível.
Só este amor que temos.
Só este amor.

Divagação sobre Everton Behenck e o seu amor possível

Menção Honrosa

ANABELA FELGUEIRAS

“Amor”

Se de amor soubesse,
Talvez te amasse.
E se de amor te amasse,
Decerto o saberia.
Se é amor ou não,
Não sei.
Se soubesse, o calaria.
E se o amor assim calasse,
Que de amor tanto soubesse,
De certeza, meu amor,
Eu te amaria.

Menção Honrosa

JOSÉ FILIPE ALVES CARDOSO DOS SANTOS

“Macroeconomia”

Qual será o meu valor de mercado?
Será que muda com o perfume que uso,
a camisa que visto,
todo o marketing e publicidade humana?
Então se todos somos valores
nesse mercado romântico,
será que o banco me empresta um momento de
alegria? Que juros terá?
Amor a pronto pagamento,
ou em dez suaves prestações.
Beijo aqui beijo ali,
chamem-lhe dinâmica de mercado,
ou importações e exportações talvez,
economia de serviços,
a moeda apenas um sorriso, um beijo,
um cheque de primeiros encontros,
cartão de crédito de momentos futuros,
que economia resiste
a tantos movimentos de conta?
Digam-me, onde assino o contrato
para arrendar um quarto nesse coração?
Sou inquilino responsável
e pago a renda sempre a horas.
Qual será o custo de oportunidade
de encontrar enfim o amor?
Será que pode ser segurado,
apreciado,
cotado em bolsa,
trancado numa caixa-forte?
E eu, que serei?
Bem de luxo, imóvel,
ou mercadoria perecível?
Consigo investir em mim,
ou comprar acções do tempo dela,
como quem timidamente pede lume na rua?
Como será a taxa de câmbio
entre um afecto e um carinho?
Hoje levanto um poema,
para amanhã depositar uma memória
(sem recibo, obrigado)
de segredos sussurrados,
lestos lábios,
sinceros sorrisos,
todos dedutíveis nos impostos!
Mas como tudo, há a inflação,
a deflação

a depressão.

Inflacionam-se os beijos,
desvalorizam-se os abraços,
procura e oferta,
amar e ser amado,
como números ao acaso
nesse extracto bancário.

Mas, como sempre, tenho a conta a zeros,
e a carteira anda sem trocos.